Rações a perigo

Uma situação-limite pode estar a caminho, se a produção de milho não crescer de acordo com o aumento da demanda

IRENE RAGUENET TROCCOLI

Apesar da crescente tendência de criadores de aves e suínos adquirirem o *premix* (ao qual posteriormente adicionam os macroelementos) em lugar da ração pronta, a indústria brasileira de rações fechou 1999 comemorando a produção recorde de 32,5 milhões de toneladas. O valor correspondente, de cerca de US$7 bilhões, coloca-a numa posição de destaque no cenário do agronegócio, dando-lhe representatividade compatível com a pujança dos segmentos de produção de carnes alternativas à bovina.

É GRAVE O PROBLEMA

Da quantidade total de rações produzidas no ano passado, quase 90% se destinaram aos setores de aves e suínos, importantíssimos para a sustentabilidade do fabrico desses insumos.

Mas se a indústria brasileira de rações se mantém sintonizada com as necessidades dos consumidores, seu desempenho futuro corre sério risco de colapso. A base de fornecimento da principal matéria-prima das rações específicas para os rebanhos avícola e suinícola – o milho – vem passando por situação delicadíssima.

Pode-se avaliar isso pela perspectiva de desempenho que a Associação Nacional dos Fabricantes de Alimentos para Animais – Anfal – traçou para o setor neste ano. Esti-

Murro em ponta de faca

Prevê-se falta de milho para 2000 – algo para mais de 2 milhões de toneladas –, porque não houve incentivo ao plantio, não se ampliaram as áreas plantadas e não houve estoques de passagem.

Em 1997/98, o milho não *pegou* preços. Estava superofertado. Os preços de mercado eram irreais e indicavam prejuízo para o agricultor.

Em 1999 faltou produto e foi preciso recorrer às importações. O preço subiu muito no segundo semestre: em agosto-setembro chegou a R$15,80 e R$16,00 a saca de 60kg, com base na cidade de Campinas, São Paulo. Era quase desesperador para a época. A indústria e os criadores, principalmente avicultores, pressionaram o governo a tomar algumas medidas, principalmente a redução do imposto de importação para o milho americano, que é de 11%.

Devido à atratividade do preço no mercado interno, algumas *trading companies* aceleraram a internação de lotes de milho: os grandes produtores de frango conseguiram importar pelo sistema de *draw back*, com redução do imposto de importação. Isso e algumas vantagens de financiamento para a importação fizeram com que o preço, que por alguns momentos ultrapassou o valor do produto importado internalizado – o que é absurdo –, parasse de subir e desse sinais de queda. Nesse momento, as cooperativas e os comerciantes de milho que ainda tinham algum estoque trataram de comercializá-lo.

A combinação de importações pelo sistema de *draw back* e o interesse de comercializar os estoques remanescentes mantiveram o preço do milho ligeiramente abaixo do valor que teria o produto importado internalizado – algo ao redor de US$140 a 143 por tonelada, posto Campinas – nos meses de novembro e dezembro de 1999 e janeiro de 2000.

Embora houvesse uma expectativa de atraso na entrada da safra nacional, conseqüência do atraso das chuvas, houve um fato novo: o bom preço do milho em agosto-setembro levou agricultores que dispunham de equipamentos de irrigação a irrigarem a lavoura, o que resultou numa safra precoce, já disponível para o mercado na primeira quinzena de fevereiro deste ano, e amenizou o preço em fevereiro.

Em 90 dias o milho entrou para a indústria valendo em torno de US$140 a 143; o preço ideal para o agricultor seria de US$85 a 90, e seguramente na safra foi vendido por valores inferiores a esse. Para onde foram os US$48 a 50 por tonelada que a indústria pagou e o agricultor não recebeu? Resposta: impostos, fretes e despesas aduaneiras, para o milho importado; ou despesas de armazenagem e lucros para os atravessadores que transportaram esse milho até a escassez forçar um patamar no nível de preço do milho importado.

Se na época do plantio o milho estava em alta, por que não houve aumento de área plantada? Resposta: o agricultor não confia na política do milho; o agricultor não confia no mercado do milho, que na safra não paga os custos de produção. Descapitalizado para manter estoque, quem será louco de produzir?

É certo que a demanda de milho é definida ao redor de 35 milhões de toneladas, com um crescimento ritmado de 5 a 7% ao ano. Não tem apresentado surpresas nos últimos cinco anos e não deverá apresentar variações superiores a esses índices nos próximos anos. Por que não ajustamos a produção adequadamente para que não haja falta nem excedente?

A indústria tem cumprido seu papel, registrando estatísticas seguras. Os agricultores podem se organizar para produzir e comercializar mais racionalmente. Podem também se organizar com a indústria num processo de parceria e garantias de produção e compras, melhorando a convivência econômica e a utilização dos recursos alocados para o milho enquanto matéria-prima.

Mercado brasileiro de pet food

Ano	Quantidade produzida (mil t)	Var. anual percentual	Valor da prod. (US$ milhões)	Valor médio (US$/t)
1995	380		482	1.268
1996	420	59%	504	1.200
1997	550	31%	632	1.149
1998	750	36%	825	1.100
1999*	950*	27%	997*	1.050
2000**	1.092**	15%	1.140**	1.044

Fonte: Anfal.
*Preliminar. ** Previsão.

ma-se um avanço de 7% na produção total de rações em relação ao obtido em 1999. Para garantir tal desempenho, está previsto aumento da demanda de milho por parte das empresas transformadoras de rações em percentual semelhante, saltando de 20,3 milhões de toneladas registrados no ano passado – o equivalente a 63% da produção da safra 1998/99 – para 21,7 milhões de toneladas em 2000.

Ocorre que, de acordo com a previsão de dezembro último realizada pela Conab, a produção esperada de milho na atual temporada alcançaria 32,7 milhões de toneladas. A relação entre a demanda do setor de rações e a produção interna de milho chegaria a 66%.

Ameaça e complicações

No período de um ano houve aumento de três pontos percentuais – ou quase 5% – na relação entre a demanda de milho originada do setor de rações e a capacidade de produção interna dessa matéria-prima. Mantida a tendência à estagnação da lavoura do milho, viria por aí uma situação-limite: de entrada, a indústria de arraçoamento sozinha consumiria todo o milho produzido no país. Os outros segmentos que demandam o grão ficariam desabastecidos e seria necessário importar para garantir seu abastecimento.

A perspectiva preocupa duplamente. Primeiro pela evidente insegurança que ronda a agroindústria de carnes. Os segmentos mais ameaçados são a avicultura e a suinocultura, que respondem isoladamente por quase 90% da demanda comercial de rações no país e cuja capacidade produtiva conjunta já ultrapassa o segmento de carne bovina.

Em segundo lugar, vem crescendo o cerco europeu aos grãos transgênicos – um complicador extra para o Brasil, já que suas importações de milho em geral se originam de países onde a transgenia vem sendo livremente praticada – Argentina e EUA. Um novo risco se coloca para a agroindústria avícola e suinícola brasileira, cujos importadores europeus sem dúvida não hesitarão em bloquear a entrada de carnes eventualmente suspeitas de terem sido produzidas à base de milho transgênico.

Pet food: prosperidade

O segmento de rações para animais de estimação ou *pet food* destaca-se como uma ilha de prosperidade.

Em 1999, sua produção alcançou o patamar inédito de 950 mil toneladas, um avanço espetacular de 27% sobre o desempenho do ano anterior. Em termos de valor o desempenho foi ainda mais significativo, levando em conta que o valor médio desse produto, da ordem de US$1.052/t, representou cinco vezes mais do que aquele do mercado total de rações animais.

O valor das vendas de *pet food* no mercado interno chegou a US$1 bilhão – o equivalente a um sexto do faturamento do mercado total de alimentação animal – alavancado por verba publicitária da ordem de US$20 milhões.

E-mail: irene@fgv.br

Indicador do Milho

Preços incertos

Apesar de o declínio já ter começado, os preços do milho podem voltar a subir e há quem aposte nessa subida

Rogério Ferreira de Souza

Os preços já estão em processo de queda. Com a intensificação da colheita da safra de verão 1999/2000 e o aumento da formação de maiores lotes, os preços no mercado físico de milho começam a ceder, processo que normalmente se estende até junho.

Entretanto, mesmo com o início da tendência de queda, o mercado está preocupado com a falta do produto para o segundo semestre. Em razão dessa preocupação, alguns agentes consumidores já começam a formação de estoques estratégicos, e na outra ponta, os vendedores procuram vender a preços melhores e em lotes menores. Esses grupos acreditam em preços ainda mais altos.

Comparando o mesmo período de janeiro do ano passado com janeiro deste ano, o preço do milho em dólar cresceu aproximadamente 78%. Esse crescimento no mês de janeiro serve de alerta para a possível elevação dos preços no período da entressafra e a percepção do mercado quanto à falta do produto.